



**Aplicativo Mudamos no processo de circulação:
tensionamentos, produção de sentidos e busca pelo
reconhecimento¹**

**Application Mudamos in the circulation process: tensioning,
production of meanings and search for recognition**

Daniele Chagas de Brito²

Palavras-chave: aplicativo Mudamos; midiatização; circulação; participação; reconhecimento.

1. Introdução

A proposta de discussão neste trabalho se dá partir da circulação, que integra os estudos de midiatização. O objeto acionador neste processo é o aplicativo de tecnologia mobile Mudamos, que será observado além do uso, mas as descrições no site da iniciativa, comentários e publicações no Facebook, vídeos e comentários no Youtube, postagens no Instagram e em blogs.

No decorrer deste trabalho, será realizada uma breve descrição do aplicativo Mudamos, a contextualização sobre o conceito de circulação e após o processo de circulação que pode ser visto a partir das primeiras inferências e indícios que conduzem a pesquisa, com base nos trabalhos de Braga (2008) e Ginzburg (1989).

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Jornalista. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio do Sinos, na linha de pesquisa de Midiatização e Processos Sociais. danielecbrito@gmail.com



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

2. Aplicativo Mudamos

O aplicativo Mudamos é uma iniciativa do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro ITS-Rio, lançado em abril de 2017 e que surge com o objetivo de ser um espaço para envio de projetos de lei de iniciativa popular, assim como, coleta de assinaturas eletrônicas para os mesmos. Para compreender melhor o objeto, apresento uma breve descrição sobre sua criação e funcionamento.

A ideia de criação do aplicativo surgiu como proposta para facilitar o processo de arrecadação de assinaturas de projetos de lei de iniciativa popular. Conforme descrição na página inicial do site da iniciativa “é um aplicativo que coleta assinaturas eletrônicas em projetos de lei de iniciativa popular, revolucionando a relação entre eleitores e seus representantes”. (MUDAMOS, 2017). Os responsáveis pelo desenvolvimento do aplicativo foram o advogado eleitoral Márlon Reis e o advogado e especialista em tecnologia, Ronaldo Lemos. A criação do aplicativo foi financiada com recursos conquistados através do prêmio Desafio Impacto Social, que o ITS Rio conquistou em 2016³. A seguir, uma imagem da tela inicial do aplicativo.

³ Disponível em: <<https://www.mudamos.org/quem-somos>>. Acesso em: 19 jul. 2017.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais



Figura 1 - Tela Inicial do Aplicativo Mudamos. Fonte: PrintScreen da tela inicial do aplicativo Mudamos

O aplicativo recebe projetos de lei de iniciativa popular que podem ser encaminhados por um cidadão comum ou organizações da sociedade civil. Os projetos podem ser de nível nacional, estadual ou municipal. Atualmente, a iniciativa conta com 18 projetos⁴ para arrecadação de assinaturas, para posteriormente serem encaminhados para os respectivos legislativos responsáveis pelo recebimento da proposta.

Para poder utilizar o aplicativo, é necessário fazer o download de forma gratuita pelo Google Play e App Store. Após, será necessário realizar um cadastro com dados pessoais como nome completo, data de nascimento, endereço, CPF e título de eleitor. O

⁴ Informações coletadas no aplicativo Mudamos até o dia 26 de dezembro de 2017.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

cidadão pode apoiar os projetos que já estão no aplicativo, através de uma assinatura digital que é validada pelo título de eleitor⁵, ou pode enviar uma proposta para a equipe do Mudamos, que irá avaliar o projeto e se tiver constitucionalidade, será disponibilizado no aplicativo para que outras pessoas possam conhecer e apoiar através da assinatura.

3. O conceito de circulação

Conforme já foi citado anteriormente, as investigações sobre o processo de circulação integram parte dos estudos de mediatização e foi a principal discussão do Seminário de Circulação e Processos Sociais. A partir disso, começamos com uma breve contextualização sobre o conceito de circulação conforme é proposto por Braga (2006, 2012), Fausto Neto (2010), Ferreira (2013) e Rosa (2015, 2016).

Inicialmente, conforme é apresentado por Braga (2012, p. 38) a circulação é vista como um intervalo entre dois polos – produção e recepção. Claro, que o conceito e sua análise não se resumem a essa breve explicação. Porém, ela é vista muito além desse ponto de chegada e ponto de partida, onde Braga (2012, p. 38) complementa ao definir que “a circulação passa a ser vista como o espaço do reconhecimento e dos desvios produzidos pela apropriação”. E nessa proposta, Rosa (2015, p. 141) ainda acrescenta que “a circulação surge onde há troca, isto é, reconhecimento de um valor, onde produção e recepção partilham significantes”. Ou seja, passa a ser vista como os ruídos, as ressignificações e tantas outras formas de produção e reprodução. Rosa (2016, p. 05) ainda destaca que “a ideia de circulação coloca em tensionamento os papéis de produção e reconhecimento, elementos básicos para se pensar o processo

⁵ A participação ou uso no aplicativo é realizada somente com o cadastro completo, com número de título de eleitor e entre outros dados de identificação.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

comunicacional, aumentando a complexidade das relações”. Esse processo remete ao que o objeto da pesquisa vem “apresentando” no decorrer deste processo, onde é possível observar que existem diversas “tensões” que precisam ser relatadas e analisadas.

Para Fausto Neto (2010, p. 11), a circulação é “transformada em lugar no qual produtores e receptores se encontram em jogos complexos de oferta e reconhecimento”. E dentro deste contexto, Ferreira (2013, p. 140) vê que “a circulação é um objeto onde se sugere pensar esses processos no âmbito das relações intra e intermediáticas, em que as redes digitais estão em interação com a indústria massiva”. Porém, realizar pesquisas sobre circulação no contexto comunicacional não é algo simples.

Estudar a circulação é produzir inferências possíveis (questões e proposições) sobre valores (des)construídos socialmente a partir de usos e práticas relacionáveis às interações com os dispositivos midiáticos, adotando como referência preliminar o campo observacional constituído por materialidades difusas e distribuídas. (FERREIRA, 2013, p. 142).

Esse processo de circulação é visto de diversas formas e perspectivas, que se enquadram em inúmeras pesquisas que envolvem mediação. A circulação “passa a funcionar como uma “zona de indeterminação” enquanto dispositivo, ou espaço gerador de potencialidades”. (FAUSTO NETO, 2010, p. 8). Pois conforme é proposto por Ferreira (2013, p. 145), a circulação funciona como um objeto emergente nesse processo midiático que vem sendo desenvolvido com o uso das redes digitais, que de certa forma, acaba por promover uma nova forma de relação entre consumidor e produtor de informação. E isso é possível de ser observado, pois surge a “participação mais ativa do receptor na produção em dispositivos midiáticos”. (FERREIRA, 2013, p. 145).



4. Primeiras Inferências no processo de circulação

Para conseguir compreender e perceber o empírico de fato, precisamos articular nossos problemas, teorias e o nosso observável – o que eu realmente posso observar no objeto. Para isso, os primeiros passos para construção do caso se baseiam no que é proposto por Braga (2008) e Ginzburg (1989) sobre o paradigma indiciário, onde em suas obras, os autores propõem observar os detalhes, saber distinguir o que é original, o que realmente vem do olhar do pesquisador, além de ter cuidado com as coisas que não são tão aparentes aos nossos olhos.

Conforme Ginzburg (1989, p. 177), “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”. E são nessas “zonas privilegiadas” que está o grande *insight* para construir o caso de pesquisa.

Mas Braga (2008, p. 78) salienta que “a base do paradigma não é de colher e descrever indícios – mas selecionar e organizar para fazer inferências”. Ou seja, mergulhar no objeto, para assim, começar um processo tentativo de organização das inferências e chegar em um método abdução, com base na parte criativa da pesquisa. O autor (2008, p. 78) também destaca que “diversamente, o paradigma indiciário implica fazer proposições de ordem geral a partir dos dados singulares obtidos.

Sendo assim, a partir do que é proposto por Braga (2008) e Ginzburg (1989), nesta proposta, após uma parte das minhas observações, trago a descrição de minhas primeiras inferências criativas com base nos meus observáveis, nos meus empíricos – aplicativo Mudamos e redes sociais que tratam sobre ele, como a própria página do Facebook da iniciativa, o site da iniciativa, vídeo do Canal Conservador, página no Facebook do Movimento Fora Corrupção e entre outras -, para mostrar brevemente a construção do caso. Pois conforme foi abordado no texto “Empirismo e Subjetividade”, do Deleuze (2001), nossas crenças, pré-conceitos e nossa própria experiência de vida tem forte ligação na nossa pesquisa, mas é necessário nos afastarmos, ter um certo distanciamento, para conseguir observar os detalhes e ter convicção do critério que escolhemos para desenvolver o trabalho.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Neste processo de observação, trago minhas primeiras inferências criativas que estão sendo norteadoras para a pesquisa. A primeira delas, conforme é possível observar na Figura 2, parte da ideia do cidadão como um protagonista no processo político e democrático de forma individualizada, onde remete a ideia de um individualismo conectado e diverge dentro do contexto democrático, que vem sendo um dos meus eixos de pesquisa.



Figura 2 - Descrição no site do App Mudamos. Fonte: Mudamos.org (2017).

Como pode ser observado, a própria descrição da iniciativa mostra que “seu próprio projeto de lei de iniciativa popular também pode estar aqui”. (MUDAMOS, 2017). Um dos exemplos que também é possível analisar essa inferência é referente ao projeto de lei de iniciativa popular denominado “Eduardo Fischer”, onde o autor da proposta colocou o seu próprio nome, conforme mostra a Figura 3.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais



Figura 3 – Projeto de Lei Eduardo Fischer. Fonte: Print Screen do aplicativo Mudamos (2017).

Outra inferência criativa que surgiu durante minhas observações é referente ao conflito ideológico e partidário. Por mais que a iniciativa seja considerada apartidária por seus idealizadores, antes do lançamento do aplicativo, que ocorreu em abril, muitos movimentos contrários tomaram conta na rede. Páginas no Facebook, vídeos no Youtube, postagens em blogs e etc. Entre esses movimentos, é possível verificar uma onda de vídeos em canais no Youtube, conforme Figura 4.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

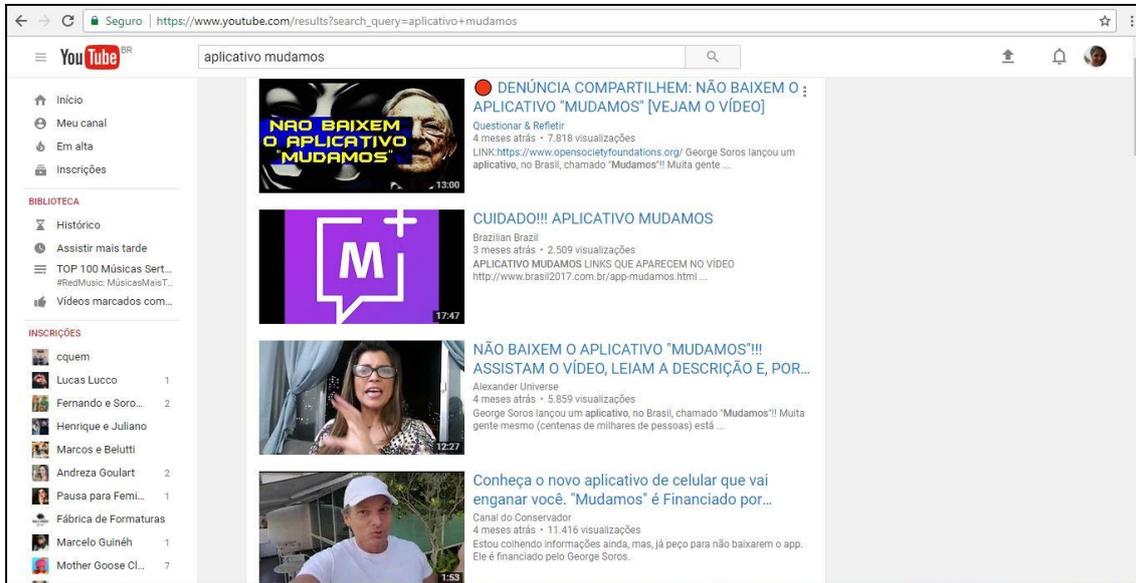


Figura 4 - Vídeos no Youtube. Fonte: Busca no Youtube por aplicativo Mudamos. (2017)

Além disso, muitos movimentos considerados “conservadores” apontam que a iniciativa é financiada pela “Open Society Foundation”, cujo o fundador é George Soros. Os movimentos dizem que a entidade comanda a “grande mídia esquerdista”. Como é possível verificar na Figura 5, onde se tem uma postagem feita pelo movimento “FORA Corrupção”, onde são feitas críticas voltadas para a posição ideológica da iniciativa.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais



Figura 5 - Postagem na página do Facebook do FORA Corrupção. Fonte: <https://www.facebook.com/foraptprime/posts/1019170204851639>

Recentemente, Márlon Jacinto Reis, ex-juiz de Direito e um dos idealizados da iniciativa, se filiou ao partido REDE. O que justifica uma parte das movimentações contra o aplicativo, além de gerar um tensionamento, conforme mostra as Figuras 6 e 7.





II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Figura 6 - Matéria sobre filiação de Márlon Reis ao REDE. Fonte:
<http://www.jmnoticia.com.br/2017/08/05/juiz-marlon-reis-se-filia-ao-rede-e-e-cotado-para-candidatura-ao-governo-do-tocantins/>



Figura 7 - Comentário sobre a não ligação partidária. Fonte:
<https://www.facebook.com/mudamos/posts/1433265993387447>

Esses comentários, vídeos e entre outras formas de manifestação que estão expostos nas redes sociais e que são causados por inúmeras reações de diversos atores sociais, nos remetem ao que é proposto por Braga (2012, p. 39-40), ao falar sobre como funciona o fluxo adiante:

Esse “fluxo adiante” acontece em variadíssimas formas – desde a reposição do próprio produto para outros usuários (modificado ou não); à elaboração de comentários – que podem resultar em textos publicados ou em simples “conversa de bar” sobre um filme recém



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

visto; a uma retomada de ideias para gerar outros produtos (em sintonia ou contraposição); a uma estimulação de debates, análises, polêmicas – em processo agonístico; a esforços de sistematização analítica ou estudos sobre o tipo de questão inicialmente exposta; passando ainda por outras e outras possibilidades, incluindo aí, naturalmente a circulação que se manifesta nas redes sociais.

A partir das primeiras inferências que trouxe neste trabalho, que são possíveis de serem observadas nos comentários e publicações disponíveis na rede, se tem a possibilidade de compreender o que é proposto por Braga (2012, p. 40), que se refere a mudança no processo interacional que vinha de um modelo mais conversacional e passou “para um processo de fluxo contínuo, sempre adiante”. Isso faz com que seja impossível controlar e pensar o processo de circulação como um ponto inicial e ponto final, pois ocorre um processo comunicacional em diversos locais, em tempos e formas diferentes, que trazem informações dos mais diversos formatos.

Porém, conforme Braga (2006, p. 28) já vinha salientando, a circulação que ocorre após a recepção é o interessante de ser estudado. Onde ele vê que “as proposições “circulam”, evidentemente trabalhadas, tensionadas, manipuladas, reinseridas nos contextos mais diversos”. E a partir deste processo a análise desta pesquisa vem sendo desenvolvida.

Referências bibliográficas

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.

BRAGA, José Luiz. **Circuitos versus campos sociais**. In: MATOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda Aparecida. *Mediação e Mediatização: Livro Compós 2012*. Salvador/Brasília: UFBA/COMPÓS, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6187/1/MIDIATIZACAO_repositorio.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2018.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

BRAGA, José Luiz. **Comunicação, disciplina indiciária**. Revista Matrizes. Vol. 1, nº 02, abril de 2008, p. 73-88. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143017353004>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

DELEUZE, Giles. **Empirismo e subjetividade**: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Editora 34, 2001.

FAUSTO NETO, Antonio. **A circulação além das bordas**. Mediatización, Sociedad y Sentido: Diálogos Brasil y Argentina. Rosário: UNR, 2010. Disponível em: <<http://www.fcpolit.unr.edu.ar/wp-content/uploads/Mediatizaci%C3%B3n-sociedad-y-sentido.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

FERREIRA, Jairo. **Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições?** In: BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antonio; GOMES, Pedro Gilberto. Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2013.

GUINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: GUINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MUDAMOS. **Quem Somos**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://www.mudamos.org/quem-somos>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

ROSA, Ana Paula da. **Atentado em looping: uma palavra que aciona uma imagem**. In: Revista Famecos. Vol 22, nº 04, 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/20992>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

_____. **Imagens em proliferação: a circulação como espaço de valor**. **Anais do V Colóquio Semiótica das Mídias**. vol. 5, nº 1. Japaratinga, AL: UFAL, 2016. Disponível em: <<http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/index.php/edicao-5/196-imagens-em-proliferao-a-circulacao-como-espaco-de-valor>>. Acesso em: 10 jan. 2018.